

O uso do testemunho no ensino de História¹

Por Roberta da Silva Moraes²

O presente trabalho faz parte da etapa final da disciplina de Estágio de Docência em História II e tem como propósito relatar uma prática exercida em sala de aula, ancorada em aportes teóricos dos campos da História e da Educação. Assim, o relato a seguir se propõe a discutir o uso de testemunhos em sala de aula como fonte histórica e a importância da recuperação de eventos traumáticos. A prática docente foi realizada em uma turma de terceiro ano do ensino médio, de uma escola pública municipal localizada na cidade de Porto Alegre.

História, memórias e as narrativas do trauma

Minha proposta de trabalho para o estágio docente teve como um de seus eixos temáticos a emergência da ideologia nazista. O objetivo geral era estudar as estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais que, ao longo do século XX, definiram o mundo contemporâneo; sendo assim, fez parte do planejamento das aulas buscar compreender as ideologias do século XX, levando-me, então, a trabalhar com o tema da ideologia nazista. Como metodologia e estratégia de ensino, lancei mão do uso da História Oral a partir da exposição de testemunhos de sobreviventes do Holocausto. A partir desta experiência, portanto, o relato iniciará com uma reflexão acerca da importância do uso da memória e do testemunho na construção das narrativas do trauma, pensando na complexidade do processo histórico; em seguida, será relatada a prática exercida por mim em aula, a discussão dos resultados desta, bem como uma reflexão a respeito da utilização do testemunho mais especificamente na aula de História e em como isso afeta o exercício docente.

Muitos autores discutem a questão dos testemunhos de catástrofes históricas e as especificidades que se encontram ao longo do processo de construção dessas narrativas. De acordo com Márcio Seligman Silva, nos eventos traumáticos “a memória do trauma é

¹ Este relato foi produzido no segundo semestre de 2015 para a disciplina de Estágio de Docência em História II, realizado como atividade de ensino do Curso de Licenciatura em História da UFRGS.

² Licenciada em História pela UFRGS. Graduanda do curso de bacharelado em História pela UFRGS. E-mail: robertaamorais@hotmail.com

sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade” (SILVA, 2008, p.65). O autor também entende o testemunho como parte de uma política de memória, mas sobretudo, como uma condição de sobrevivência, “uma atividade elementar no sentido de que dela depende a sobrevivência daquele que volta de uma situação radical de violência” (SILVA, 2008, p. 66). Nesse sentido, a narrativa teria o desafio de estabelecer uma ponte com os “os outros”, pois possibilitaria a saída do sobrevivente deste limbo do trauma. No entanto, a grande questão gira em torno de como narrar o inenarrável? Como transpor, na escrita, os horrores do Holocausto?

Em determinados processos históricos a verdade está atrelada a experiências de vida, transformando o processo de pesquisa em um momento muito delicado uma vez que não podemos desmentir a experiência dos entrevistados em relação a determinados episódios. Entretanto, no processo de construção do conhecimento histórico, podemos confrontar essa sua verdade histórica com outros dados, depoimentos e afins. Dentro dessa discussão sobre as narrativas do trauma, Primo Levi é constantemente citado por diversos autores. Judeu italiano, Levi foi um dos poucos sobreviventes de Auschwitz. Livrando-se dos horrores nazistas, dedicou-se a escrever um dos mais extraordinários e comoventes testemunhos dos campos de extermínio. Assim, um argumento constante em Levi, ressaltado por autores que escrevem sobre o tema, é que existe a impossibilidade do testemunho no sentido de que, aqueles que sobreviveram aos campos de concentração e puderam falar, foram justamente os que conseguiram manter certa distância do evento – a proposta dos campos de extermínio era, literalmente, exterminar; de acordo com o pensamento de Levi, portanto, os que sobreviveram a esta lógica perversa não experimentaram a real intenção dos nazistas, por mais que tenham chegado, muitas vezes, ao limite da condição humana. Tenho certas dificuldades em concordar com esse posicionamento de Primo Levi, pois acredito que todos os corpos que sentiram a perversidade do Holocausto são testemunhas, agentes da resistência, porque a memória, enquanto denúncia de tais atrocidades, não deixa de ser uma militância e uma forma de alertar para o fato de que, ainda hoje, essa mentalidade existe.

Considerações à parte sobre quem é, de fato, testemunha do Holocausto, a verdade é que existe um sentimento de cumplicidade e solidariedade daqueles que sobreviveram para com os que, infelizmente, não resistiram aos horrores. Os sobreviventes sentem certo “dever” de lembrar esse período histórico seja por motivação política ou por assumirem o papel de porta-vozes dos indivíduos com quem conviveram durante o período mais sombrio de suas vidas. O compartilha-

mento do trauma, da violência, da dor, das perdas, faz com que as memórias individuais reconstruam, ainda que de forma fragmentada, uma identidade de grupo, elaborando uma narrativa histórica em conjunto. Helenice Rodrigues da Silva, ao examinar a relação entre a experiência vivida e a representação elaborada do Holocausto, constata no uso da linguagem essa lógica do grupo. Conforme a autora: “A utilização constante do pronome “nós”, reforçando uma identidade de grupo, remete a um sentimento de partilha de uma experiência coletiva: a dos resistentes políticos e a das minorias étnicas”. (SILVA, 2008, p. 231).² Outra constatação interessante da autora em relação à linguagem diz respeito à utilização do pronome “eles” em substituição aos substantivos “nazistas”, “alemães” porque, conforme Silva, “essa indeterminação do sujeito pode ser analisada como reflexo da dificuldade de nominação dos algozes. O pronome “eles” parece ser mais neutro, ter um peso menor do que os substantivos correspondentes”. (SILVA, 2008, p. 235 e 236)

A grande dificuldade das narrativas do trauma, apontada por todos os autores, é a impossibilidade de narrar o indizível. A experiência dos campos de concentração foi algo tão singular que, se para nós já é difícil imaginar, que dirá conseguir rememorar e falar. A irrealidade dos fatos vividos rompe com a própria realidade do resto mundo. De acordo com Eduardo Garcia Valle, que faz uma reflexão sobre o tema da história, memória e literatura de testemunho a partir de uma análise do Holocausto na obra de Primo Levi, este último tinha um grande medo em relação ao seu retorno para a sociedade caso sobrevivesse. Medo este que se manifestava, inclusive, na forma de um sonho. Falando, então, sobre a literatura do testemunho, o autor relata:

Esta literatura de testemunho, mesmo encontrando problemas referenciais em torno da sua irrepresentabilidade, foi o caminho percorrido, por exemplo, por Primo Levi, após sua libertação do campo de Auschwitz. Vemos nessa literatura a necessidade de falar, de escrever, de passar adiante a terrível experiência dos campos de concentração. Um ponto comum entre os sobreviventes, que decidiram não se calar, é a angústia de falar, testemunhar e não ser ouvido, não ser creditado, ser ignorado. Isso pode ser percebido nos sonhos que Primo Levi tem no campo de concentração, sonho esse que é comum à maioria dos prisioneiros, esse sonho relata a angústia, sonho no qual a volta para casa, à felicidade de encontrar seus parentes e amigos, narrar sua experiência, contar o horror vivido e de repente, com a consciência desesperada de que

² A constatação da autora foi feita a partir da análise da narrativa de um sobrevivente francês – Resistente e judeu deportado para os campos de concentração nazista. Apesar de ser uma análise de um depoente em particular, acredito que essa lógica esteja presente, de forma geral, nos testemunhos de pessoas que passaram por experiências traumáticas.

Penso que um de nossos deveres, enquanto historiadores, se traduz em amenizar esta angústia do silenciamento e abrir espaços de fala para os sobreviventes. Deixar que essas narrativas se construam mesmo que seja difícil transpor o inenarrável, a dor; mesmo que esse processo se dê com certas particularidades e alguns silenciamentos que o depoente escolhe. Porque não devemos esquecer: ainda dói e isso deve ser respeitado. Mas pensando em nossa atuação enquanto docentes: como transpor essas experiências para dentro da sala de aula? Quais os limites e dificuldades que a aproximação da história narrada à realidade do aluno coloca quando lançamos mão de testemunhos tão dolorosos como estes do Holocausto? Uma reflexão crítica sobre a utilização do documento e do ensino de História será feita a seguir.

O uso do testemunho em sala de aula

No ensino de história buscam-se capacidades específicas do aluno, ou seja, a da leitura histórica sobre as fontes e sobre o presente, o posicionamento crítico a respeito da discussão apresentada e o diálogo com os conceitos e com os tempos históricos. Meu objetivo em aula, com a exposição de testemunhos de sobreviventes do Holocausto, foi de incentivar a reflexão sobre as relações que os conteúdos de tais depoimentos podem vir a ter com o tempo presente do aluno, na intenção de incentivá-los a refletir sobre a existência ou não da continuidade daquela ideologia. Os critérios de elaboração da aula foram os seguintes: foram selecionados oito depoimentos que continham descrições diversas – as condições nos campos de concentração, a seleção para os campos, a situação nos guetos e o trabalho forçado –, estes depoimentos foram expostos aos alunos através de apresentação em Power Point e lidos por alguns desses estudantes. Não foi dito, inicialmente, de qual período histórico estávamos nos referindo, nem quem eram aquelas pessoas e seus nomes também foram suprimidos; por isso, após a leitura dos testemunhos, foi perguntado aos alunos se eles tinham conhecimento sobre a qual período estávamos nos referindo. As respostas foram tímidas, tardaram um pouco e foi preciso estimular os alunos: “Vocês acham que estes depoimentos referem-se aos dias de hoje? Acham que estas pessoas ainda estão vivas? Poderíamos estar fa-

lando sobre acontecimentos que ocorreram no bairro onde moramos?” A esta última pergunta surgiram respostas. Alguns relacionaram um dos depoimentos, que descrevia uma noite de invasão alemã à Polônia, com uma situação que poderia ter ocorrido em seus bairros. Trago pequeno trecho do depoimento para que o leitor consiga entender melhor a associação:

“Depois que ficava escuro ninguém podia sair de casa. A primeira noite da que tenho uma péssima recordação foi quando um dos nossos vizinhos, um rapaz, tentou atravessar a rua. Ele não sabia que ao atravessar a rua estaria violando o toque de recolher. Um soldado gritou “Pare”, mas ele assustado continuou a correr e foi metralhado, por todo o corpo, e caiu bem na frente à nossa casa.” (Willian (Bill) Lowenberg)³

Após a resposta dos alunos, portanto, foi explicado que aqueles eram depoimentos de sobreviventes do Holocausto, que aquelas pessoas haviam passado por sevícias diversas e que, por fim, o conteúdo da aula seria a emergência da ideologia nazista. A associação que os alunos fizeram entre os eventos expostos através dos testemunhos e sua realidade instigam-nos a refletir sobre o papel das fontes documentais em sala de aula, bem como sobre uma abordagem didática que relacione as testemunhas com o ensino da História.

É bem verdade que os testemunhos utilizados na aula foram trabalhados na perspectiva de complemento do conjunto descritivo do texto didático que foi elaborado, por isso, faço uma crítica a minha própria abordagem didática uma vez que estas fontes poderiam ter sido melhor pensadas para aula. Muitos historiadores e professores trabalham com esta questão do uso de fontes documentais em sala de aula, fazendo uma análise crítica sobre a forma como são utilizados. Tais documentos possuem potencialidades, mas também perigos uma vez que, se empregados de forma acrítica, “podem contribuir para a formulação de um conceito de história e documento que reproduz alguns antigos equívocos” (MULLET; FRAGA, 2011, p. 2). Em minha prática foi incentivada a reflexão sobre aquilo que os alunos haviam lido, bem como das relações que aquele depoimento poderia vir a ter com o tempo presente dos alunos; no entanto, até mesmo pela minha condição de docente iniciante, a crítica ao testemunho enquanto elemento constitutivo do processo histórico, não foi feita. Ainda conforme Mullet e Fraga, “uma vez utilizado o documento, seu efeito seria o de tornar familiar o que é estranho, levando as novas gerações a reconhecer ligações e identificações entre seu tempo e o tempo dos mortos, aqueles que legaram a nós seus monumentos” (MULLET; FRAGA, 2011, p. 1). Esse efeito ficou eviden-

³ Todos os depoimentos foram retirados do site *United States Holocaust Memorial Museum* e estão disponíveis em: <http://www.ushmm.org/ptbr>. Acesso em: 06.06.2015.

te quando obtive o retorno dos alunos sobre aquilo que leram. Ao final da aula, foi solicitado que os alunos respondessem, em breves linhas, as seguintes perguntas: O que você sente ao ler esse tipo de testemunho? Você acha que isso contribui para a sua visão de mundo? O efeito de “tornar familiar o que é estranho” e de “reconhecer ligações e identificações entre seu tempo e o tempo dos mortos” ficou evidente, por exemplo, em uma das respostas:

“Simplesmente tentar construir na mente a cena do que está escrito no depoimento, tentar imaginar se é verdade, se realmente aconteceu, dependendo do depoimento dá até uma certa angústia. Certamente contribui para fazermos uma certa comparação com o que eles viveram nos tempos passados com o que nós vivemos no século 21 como, por exemplo, no depoimento que diz que a noite chegava e eles não podiam mais sair na rua, em vários bairros ultimamente andam assim.” (aluno 1; grifos meus).⁴

A utilização do testemunho também foi pensada como uma forma de aproximação dos alunos para com aqueles sujeitos históricos. De acordo com Nadine Fink, o recurso do testemunho “para além dos eventos traumáticos e em uma perspectiva de história social e local, ele responde também à vontade de introduzir, dentro da sala de aula, personagens geralmente ausentes da história ensinada” (FINK, 2008, p. 162). Primeiramente, gostaria de deixar claro que não vejo os sobreviventes do Holocausto como “ausentes da história”, penso e relaciono este argumento da autora com a minha proposta didática no sentido de que a aula foi pensada com o intuito de quebrar o “ensino em números” (um número ‘x’ de judeus foi morto, ‘n’ pessoas morreram ao longo da II Guerra Mundial e assim por diante) e, digamos, humanizar os dados históricos. E percebo que foi um recurso com resultados positivos, pois a “humanização” e a aproximação dos alunos com estes sujeitos históricos contribuíram para que os primeiros refletissem sobre a sua própria posição e condição de, também, sujeitos históricos. Isso fica evidente no trecho de um segundo relato de aluno:

“Contribui sim para minha visão (de mundo) para, quem sabe, me tornar uma pessoa melhor. Me colocar no lugar do outro e ver que muita gente morreu para chegarmos a este ponto.” (aluno 2; grifos meus).

A empatia, por que não, pode ser uma oportunidade de fazer o aluno “entrar” na disciplina de História. Conforme Fink, “na medida em que a testemunha

⁴ Por questões éticas, os nomes dos alunos cujas respostas serão utilizadas neste trabalho serão suprimidos.

torna o passado tangível pela presença física de atores da história [...] a história estudada em classe pode parecer menos afastada e menos desconectada do presente e do universo dos alunos” (FINK, 2008, p. 167). Isso também ficou claro nas respostas dos alunos, para quem, muitas vezes, o conteúdo História afasta-se da realidade:

“Eu achei bem interessante testemunhos de pessoas que realmente vivenciaram e testemunharam algo real que parece até fictício” (aluno 3; grifos meus).

“É interessante saber de forma ‘crua’ o que aconteceu, deixa o clima teórico e tedioso de lado e ajuda a entender o que aconteceu de verdade [...] Depoimentos, histórias, livros, tudo isso te acrescenta e te faz pensar em um mundo muito maior do mundo limitado e egoísta em que vivemos e compreender que o mundo foi e ainda é muito opressor” (aluno 4; grifos meus).

Este último depoimento é a exemplificação do nó que custa a ser desatado no ensino de História. Para alguns alunos, a aula de história é maçante, tediosa e está distante da sua realidade; por isso, muitos professores recorrem ao uso de documentos, imagens e outros tipos de fontes históricas em suas aulas. No entanto, é preciso tomar cuidado para não cair na armadilha da correspondência entre o relato e o fato, transformando a fonte em arauto da verdade sem, entretanto, problematizá-la. De acordo com Nilton Mullet e Fernando Seffner, o uso das fontes como prova e ilustração dos argumentos apresenta dificuldades epistemológicas. O problema que os autores veem é o de dar caráter de prova ao documento ao invés de problematizá-lo quanto ao papel que desempenhou na época (MULLER; SEFFNER, 2008). Conforme os autores: “o uso de fontes históricas deve servir para suspender o caráter de prova que os documentos assumem desde a história tradicional e mostrar às novas gerações a complexidade da construção do conhecimento histórico” (MULLET; SEFFNER, 2008, p. 126). Esta crítica ao documento, e aqui incluo nosso objeto didático – o testemunho –, adquire importância uma vez que “o trabalho de historicização dá sentido às experiências das testemunhas que, por sua vez, dão sentido aos conceitos históricos com os quais os alunos são confrontados” (FINK, 2008, p. 164).

Acrescento, ainda, que para além da crítica ao documento dentro da lógica de construção histórica, é preciso haver um retorno do professor para os alunos em relação às experiências e opiniões destes últimos sobre aquilo que leram. Digo isto porque, na minha experiência de prática docente, não foi possível – pelo tempo hábil do estágio – fazer esse retorno. No entanto, percebi o quanto isso seria parte fundamental do ensinar história quando li o seguinte relato de um aluno:

“Ao ler esses depoimentos me sinto um pouco revoltado em saber tudo o que essas pessoas passaram sem nem poder revidar, mas também me sinto aliviado por não acontecer mais essas coisas que todas essas pessoas passaram, e também me faz pensar melhor em política e ver a política de vários lados.” (aluno 5; grifos meus).

Acredito que este seja um relato síntese de tudo que foi discutido até agora. Vejamos. Temos a aproximação do aluno com o período e, sobretudo, com os sujeitos históricos – “me sinto um pouco revoltado em saber tudo o que essas pessoas passaram” -, temos indícios de um processo de conscientização do aluno enquanto partícipe e agente da História – e, por fim, sinais da necessidade de uma discussão do professor com os alunos sobre aquilo que foi estudado – “me sinto aliviado por não acontecer mais essas coisas”. Ora, sabemos que ainda acontece e isso deve ser mostrado ao aluno porque “uma das missões educativas da história é precisamente de evidenciar a historicidade do presente, favorecer a tomada de consciência do papel de ator que cada um de nós desempenha em relação a um destino individual ou coletivo.” (FINK, 2008, p. 158-159).

Considerações finais

A experiência de trabalhar em sala de aula os testemunhos de sobreviventes do Holocausto foi muito enriquecedora, não apenas em função da especificidade do caso – as narrativas do trauma são sempre tocantes -, mas também porque percebi um envolvimento muito maior dos alunos nesta aula se comparada às outras. A impressão que se tem é de que, realmente, o uso de fontes históricas torna a aula mais interessante para os alunos e isso não é nenhum empecilho para o professor desde que ele consiga historicizar e problematizar este documento de acordo com as premissas que vimos anteriormente.

O uso do testemunho nesta experiência didática foi pensado para criar uma nova memória em relação aos sobreviventes: não mais como estatísticas soltas que para os alunos não proporcionam uma reflexão necessária acerca da historicidade. Reconheço, conforme disse, que algumas questões ficaram em aberto como a crítica ao testemunho enquanto elemento constitutivo do processo histórico. Procurei não usar essas fontes como prova dos meus argumentos, mas, ainda assim, posso ter caído nesta armadilha em alguns momentos da aula. O aprendizado que fica é de que a prática docente é um constante planejamento de cada detalhe da aula porque toda a palavra dita causa um im-

pacto no aluno. A fala dos depoentes atingiu aqueles alunos de tal forma que muitos refletiram sobre o próprio presente e essa associação deve ser bem trabalhada pelo professor para que a aula não caia em anacronismos e análises sem criticidade.

Referências Bibliográficas

FINK, Nadine. *As testemunhas e o ensino da história: uma abordagem didática*. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 47, p. 157-178, jun. 2008.

PEREIRA, Nilton Mullet; **FRAGA**, Gabriel Torelly. *Vestígios do passado: documento e ensino de História*. Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História, Florianópolis/SC, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/lhiste/vestigios-do-passado-documento-e-ensino-de-historia/>. Acesso em: 02.07.2015.

PEREIRA, Nilton Mullet; **SEFFNER**, Fernando. *O que pode o ensino de história? Sobre o uso das fontes na sala de aula*. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, dez. 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/lhiste/o-que-pode-o-ensino-de-historia-sobre-o-uso-de-fontes-na-sala-de-aula/>. Acesso em: 02.07.2015.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Narrar, transmitir, representar: o testemunho de um sobrevivente francês (judeu e resistente) dos campos de concentração nazista*. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 221-252, dez. 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/7971/4759>. Acesso em: 28.05.2015.

SILVA, Márcio Seligman. *Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. Psic. Clin. Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, p.65 – 82, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05>. Acesso em: 28.05.2015.

VALLE, Eduardo Garcia. *História, memória e literatura de testemunho: uma análise do Holocausto na obra de Primo Levi*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300891170_ARQUIVO_textocompletoanpuh.pdf. Acesso em: 28.05.2015.